

UMA LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR MEIO DO TEATRO

Gésica Pereira de Lima, Prefeitura Municipal de Maracaju, gesicapl@hotmail.com

Care Cristiane Hammes, Programa de Pós-graduação em educação da UFMS –

Doutorado, carehammes@gmail.com

Ana Carolina Pereira de Souza, Prefeitura Municipal de Maracaju,

carol_zinhamusic@hotmail.com

Prática Pedagógica e sua Relação com a Teoria. (percepções)

Comunicação oral

RESUMO

A pesquisa investigou quais são as leituras que as crianças fazem do espaço geográfico por meio do teatro. Espaço compreendido como objeto de estudo da Geografia e conceituado como o conjunto de sistema de objetos e sistema de ações. No que se refere à aprendizagem em Geografia, o desafio é compreender o “eu” no mundo, considerando a sua complexidade atual. O professor precisa apresentar meios para que a criança possa ir além dos conceitos de sua rua, seu bairro, sua escola. A pesquisa foi qualitativa com a teorização de um projeto envolvendo a criação de peças de teatro sobre a preservação do córrego Montalvão, bem como a técnica da observação das peças de teatro dos alunos do 4º ano da escola Laurindo Stragliotto de Maracaju, Estado de Mato Grosso do Sul. Apresentou como referencial Castrogiovanni (2003), Callai (2005), Magaldi (2001), Silva (2000), Rojas (2007), Borges (1993). A aprendizagem em Geografia por meio do teatro trouxe em evidência, a necessidade de uma abordagem lúdica para que haja a leitura do espaço. A criação de peças de teatro que relatam a realidade que essas crianças vivem, pode estimular a leitura do espaço por meio da sensibilidade e de um outro olhar sob o mesmo, além de estabelecer uma compreensão do que a sociedade causa no espaço, na sua própria vida. As crianças percebem o espaço por meio do que elas vivenciam, ou seja, ao olhar para o córrego poluído, algumas se perceberam como poluidoras e outras nem perceberam que fazem parte daquele contexto. A vivência ou falta de vivência com o espaço, em algumas ocasiões, faz com que a criança tenha esse olhar indiferente, de falta de pertencimento. É necessário ampliar a leitura, para que a mesma possa entender além do “eu” no mundo, recriando a própria existência.

Palavras-chave: Teatro. Geografia. Espaço Geográfico.

INTRODUÇÃO

Qual a mensagem que encontramos atrás das cortinas que cobrem a janela da escola e da vida do ser humano? Essas reflexões são necessárias para repensar a aprendizagem em Geografia por meio da arte teatral. É possível reinterpretar as relações ser humano entre si e com o espaço? O espaço geográfico é cheio de marcas assim como a vida humana, por isso é necessário dispor-se a ler e interpretar o que essas marcas dizem. A arte teatral inspira e ajuda o homem a externar os seus sentimentos, explorar o material e o imaterial durante a cena, questionar o inquestionável, e desligar o botão do improvável.

Esta pesquisa, com abordagem qualitativa, foi realizada para investigar a leitura que as crianças do quarto ano Ensino Fundamental, de uma escola de tempo integral em meio rural, fazem do espaço por meio do teatro. Para isso foram realizadas peças teatrais, exercícios de improvisação, saídas a campo e outras técnicas. Utilizamos como tema o córrego Montalvão e sua situação atual. Esse ambiente é conhecido dos alunos, por servir como fonte de lazer nas tardes dos sábados e domingos de verão. Ou seja, os alunos já apresentavam um olhar em relação a esse espaço geográfico. Foram trabalhados outros olhares sobre esse espaço tão familiar e envolvido de sentimento para os alunos, ou seja, como olhar para o que é tão familiar de outra maneira? Essa outra leitura ajudou os alunos a conhecer a si mesmos e a perceber a importância de suas ações sobre o espaço.

1 APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

O espaço geográfico, objeto de estudo da geografia, é descrito por Santos (2004, p.39) “como um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” Ou seja, antes era somente a natureza composta por suas particularidades. Com o passar dos anos acontecem alterações, alguns objetos naturais são substituídos para que haja o funcionamento mecanizado, atingindo as expectativas do homem. Essa substituição tem sido cada vez mais frequente, “O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2004, p.39).

Esse espaço geográfico repleto de cenários tão diferentes, de encantos, descobertas, estímulos virtuais, atrativos, mudanças rápidas pode ser compreendido pelas crianças no contexto escolar? “Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida” (CASTROGIOVANNI; CALLAI; KAERCHER, 2003, p. 13). E o conhecimento é, muitas vezes, apenas transmitido pelo professor, que parte de uma realidade fragmentada e sem estímulos necessários para a construção de conhecimento. “Como fazer, então, para superar um ensino tradicional, e um professor igualmente tradicional, trabalhando com conteúdos alheios ao mundo da vida?” (CALLAI, 2005, p.232). Encontrar as respostas para essas questões é um grande e necessário desafio para os professores que querem uma aprendizagem em Geografia. Muitas vezes os

conteúdos são apresentados como fragmentos de uma realidade distante, partindo do próprio sujeito, do mais simples e próximo ao complexo e distante. Portanto a aprendizagem em Geografia se torna algo superficial e repetitivo, pois segue sempre em uma sequência linear. Acaba sendo uma disciplina em que o aluno que tiver facilidade para decorar certamente terá sucesso, e o aluno que não tiver essa facilidade fracassará.

O problema não é partir do “eu” mas sim fragmentar os espaços que se sucedem e que passam a ser considerados isoladamente, como se tudo se explicasse naquele e por aquele lugar mesmo. A dinâmica do mundo é dada por outros fatores. E o desafio é compreender o “eu” no mundo, considerando a sua complexidade atual (CALLAI, 2005, p. 230).

Deve-se ter um ponto de partida, mas não pode-se limitá-lo apenas a realidade do aluno. O professor precisa apresentar meios para que o aluno possa ir além dos conceitos de sua rua, seu bairro, sua escola. Se sempre o ponto inicial e o ponto de finalização for o aluno, sua leitura de mundo se tornará egocêntrica, ou seja, é necessário ampliar sua leitura para que ele possa entender além do “EU” no mundo. “Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens” (CALLAI, 2005, p.228).

A Geografia tem esse papel, de valorizar o ser humano e a leitura de seu espaço. “Ao ler o espaço, a criança estará lendo a sua própria história, representada concretamente pelo que resulta das forças sociais e, particularmente, pela vivência de seus antepassados e dos grupos com os quais convive atualmente” (CALLAI, 2005, p.237). A criança precisa ser levada a reflexão sobre a sua realidade, compreender o espaço em que vive, ser estimulada a investigar os adultos, livros e outras fontes de pesquisas, que relatam sobre o ambiente que a cerca. Entender o porquê e para quê foram criadas as ruas, casas, escolas, hospitais.

Fazer a análise geográfica significa dar conta de estudar, analisar, compreender o mundo com o olhar espacial. Esta é a nossa especificidade – por intermédio do olhar espacial, procurar compreender o mundo da vida, entender as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais as limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem (CALLAI, 2005, p. 237).

Compreender o mundo com olhar espacial requer certa sensibilidade e atenção, as marcas que serão lidas em determinado espaço, são marcas que, segundo Callai (2005), não são visíveis, portanto precisam ser descortinadas. Essas marcas são as alterações que ocorreram no espaço, alterações que não foram causadas somente por ações humanas, mas

também por ações e reações da própria natureza. O professor pode iniciar uma aula utilizando a realidade de vida dos alunos e da cidade em que vivem para iniciar os conteúdos de Geografia, mas é necessário ampliar a visão e leitura do espaço, ou seja, é muito importante que o tema não tenha um ponto final. As palavras de Freire (1999, p.29) citam o ser humano como inacabado.

Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado econsciente do inacabamento [...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.

Aproveitar as experiências para ir além da leitura de espaço da cidade, comparar, por exemplo, a poluição do rio da cidade de Maracaju, estado de Mato Grosso do Sul com a realidade dos rios de Campinas, estado de São Paulo e com os rios que nascem em Bié província Angolana e voltar para o rio da cidade de Maracaju, estado de Mato Grosso do Sul e por meio das interligações apresentadas, fazer a leitura dos diferentes espaços, enfatizando que a mesma não é algo isolado, sempre destacando o mundo, suas conexões, alterações e outros.

O aluno, ao buscar a história do espaço geográfico em que vive, poderá entender a importância de seus antepassados e de outros lugares. “A percepção espacial de cada indivíduo ou sociedade é também marcada por laços afetivos e referências socioculturais” (BRASIL, 1997, p.74). Mas para que se consiga estimular as crianças a observar, entender, questionar o mundo, é essencial apresentar caminhos diferentes daqueles que já foram oferecidos, ou seja, despertar as crianças para o diferente, questioná-las e libertá-las para o conhecimento. Fazer com que as crianças se tornem sensíveis diante das vivências que o dia-a-dia lhes proporciona ao valorizem o olhar sobre o espaço e as mudanças que nele ocorrem diariamente. “É necessário buscarmos novos caminhos para, quem sabe, desenvolvermos no Ensino da Geografia um pouco mais de poesia, sem esquecermos da sua prosa social” (CALLAI;CASTROGIOVANNI; KAERCHER, 2007, p.16).

Uma maneira diferenciada de trabalhar com a Geografia e fazer com que a criança desenvolva seu olhar espacial é pode ser por meio do teatro. “Desenvolver o olhar espacial, portanto, é construir um método que possa dar conta de fazer a leitura da vida que estamos vivendo, a partir do que pode ser percebido no espaço construído” (CALLAI, 2005, p. 238).

A criação de peças de teatro que relatam a realidade que esses alunos vivem, pode estimular a leitura da vida por meio da sensibilidade de um outro olhar sobre o mesmo espaço

geográfico. “O passado, entrelaçado com o presente, é reconstruído com o novo olhar. Presente se constituindo, porque existe um passado. Sou passado e sou presente” (SILVA,1999, p.26).

No teatro ao assumir a interpretação de um personagem, assume-se o olhar do mesmo, ou seja, deixa-se as experiências antigas, para viver outras experiências que o personagem, o texto e o cenário proporcionará. Desenvolvendo textos de teatro com base em diálogos com os alunos, poderá ser o ponto de partida para uma leitura diferenciada da realidade. Certamente em uma sala com vinte e cinco alunos, a percepção diante da imagem de um rio poluído, ou outro tipo de cenário conflitante, será muito diversificada. O professor atuando como mediador nessa situação poderá sugerir questões, como por exemplo: Quem são os possíveis causadores dessa situação? Faço parte ou não da sociedade que tem causado os danos a esse espaço? O que poderíamos fazer para modificar essa realidade?

2 TEATRO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

2.1 Um pouco de história

O teatro foi formalizado na Grécia, iniciando com rituais religiosos e posteriormente passando para expressões artísticas formalizadas, como demonstração de cultura e conhecimento (BRASIL, 1997). “É, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação” (BRASIL, 1997, p.57).

As primeiras manifestações do teatro no Brasil são de obras jesuítas, que utilizavam as representações para catequizar os indígenas. As peças tinham objetivos a serem cumpridos, levar a religião católica de forma agradável e impactante.

Os colonizadores portugueses haviam trazido da metrópole o hábito das representações, mas, não se ajustando aos preceitos religiosos, Nóbrega incumbiu Anchieta (1534-1597) de encenar um auto. O jovem evangelizador, cognominado, pela tarefa admirável de cristianização dos silvícolas, o “apostolo do Brasil”, tinha pendores literários diversos, e se distinguiu no gênero epistolar, na gramática e na poesia, de lirismo devoto e inspirada fatura (MAGALDI, 2001,p.16).

Os textos do padre Anchieta seguem a tradição religiosa, sempre com desfecho feliz nas histórias, apresentava as figuras do cristianismo como personagens heroicos triunfando sobre a maldade de Satanás. Desta maneira era implantada a religião e fé cristã no Brasil. “Ao leitor desprevenido espanta o plurilinguismo de alguns textos. Cenas são representadas em

português, outras em castelhano e ainda muitos diálogos são travados em tupi” (MAGALDI, 2001, p.18).

Aqueles espetáculos que eram dirigidos unicamente aos indígenas eram encenados em sua língua, para facilitar a compreensão. Desde o primeiro registro na história do teatro no Brasil, pode-se perceber que havia objetivo de ensinar, transferir conhecimentos e crenças.

No século XVII destaca Magaldi (2001), não houve registro de textos ou representações significativas para a história do teatro. “[...] eram novas as condições sociais do país, não cabendo nos centros povoados o teatro catequético dos jesuítas; os nativos e portugueses precisaram enfrentar os invasores de França e Holanda [...]” (MAGALDI, 2001, p.27).

Magaldi (2001) afirma que na primeira metade do século XVIII também não houve registros de atividades teatrais no país, “enquanto, na segunda, instala-se em muitas cidades um teatro regular, em “Casas de Ópera” edificadas para representações” (MAGALDI, 2001, p.27). Foi um grande progresso para as artes cênicas do país.

A Semana da Arte Moderna, de acordo com Magaldi (2001), aconteceu em 1922, esse manifesto tinha o objetivo de reunir artistas e expressar a defesa pela arte. O movimento modernista deu um renovo para a arte brasileira. “Infelizmente, só o teatro desconheceu o fluxo renovador, e a única arte ausente das comemorações da semana” (MAGALDI, 2001, p.195). O teatro não participou deste movimento, porém em 1943 teve sua inclusão na era modernista. “A encenação do “Vestidode Noiva” (1943), de Nelson Rodrigues, introduz o teatro brasileiro na modernidade” (BRASIL, 1997, p.23).

2.2 Teatro na escola como possibilidade na ação docente

A arte começou a ser incluída no currículo escolar em 1971 “pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina” (BRASIL, 1997, p.24). Mas somente a partir de 1996 passou a ser obrigatório o ensino de Artes. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, §2o). Fazendo parte da Educação Artística a Música, Artes Plásticas e Teatro. A partir dessa Lei, o teatro tornou-se importante e obrigatório na escola.

Com isso passou-se a utilizar o teatro em outras matérias também, pois esta arte abre as portas da imaginação. O teatro possibilita que a mesma história seja contada de formas

diferentes, o mesmo personagem pode ter o seu lado bom e o lado ruim, ou seja, essa arte incentiva a questionar. “Tem a força do sonho, da fantasia e do jogo do faz-de-conta, brinquedo de criança que todo homem (uns menos, outros mais) carrega consigo pela vida afora” (BORGES, 1993, p.33). Investiga a história e dá possíveis respostas para as certezas e incertezas que todo ser humano carrega durante sua vida.

O teatro é o portal onde a criança viaja para um outro mundo, levando na bagagem, elementos do mundo real com um toque de fantasia, para ajudar a ilustrar todos os sentimentos. Brincar de esconde-esconde consigo mesmo, ser duas pessoas ao mesmo tempo, conversar com um fantasma, assim como a personagem Maribel, de acordo com Borges (1993) no texto *Pluft, o Fantasminha*, escrito em 1950 por Maria Clara Machado, essa foi a primeira de várias peças infantis que a autora escreveu.

Isso é o que o teatro faz, transforma a realidade em fantasia, faz com que o adulto volte a ser criança, faz com que a criança experimente as experiências da vida adulta, brincando de interpretar o imaginário e, aprendendo a ser atuante no mundo real.

O teatro saciou minha fome de pensar pensamentos impensados, falar palavras não ditas, “palavras afogadas na garganta”. Abrir a boca fechada e soltar o grito retido. Grávida de gritos! O grito educacional preso no direito de não pensar, o grito social preso nos barracos atrás do morro, o grito político preso no silêncio, o grito ético preso na raiva que engoli o grito estético preso na rigidez de uma escola feia (SILVA, 2000, p. 121).

Como não pensar em utilizar essa arte tão questionadora como meio de tornar visível o que o tempo deixou escondido atrás das cortinas, ou seja, fazer os alunos interpretarem as marcas do homem sobre o espaço geográfico, e as marcas do espaço geográfico na vida do homem. Que interpretem a sua própria vida, lendo o espaço geográfico em que vive, entendendo que suas atitudes fazem a diferença na sociedade e que a vida no presente é reflexo do passado.

Estimular os alunos a sentirem e entenderem as transformações da vida, dentro e fora do texto teatral, possibilitará a construção pessoal e social de leitura espacial. O teatro pode ser utilizado como recurso pedagógico para aprendizagem em Geografia por utilizar o lúdico¹ e o criativo.

Por meio de atividades lúdicas, o educando exploramuito mais sua criatividade. É uma linguagem que viabiliza a comunicação da criança consigo mesma, com os outros e com o mundo. O indivíduo criativo é elemento importante para o

¹ Rojas (2007, p.17) afirma que “A ludicidade é a manifestação da espontaneidade por meio da fala e dos gestos que a criança expressa de forma prazerosa, revelando maior significado ao aprender.”

funcionamento efetivo da sociedade, pois é ele quem faz descobertas, inventa e promove mudanças (ROJAS, 2007, p.62).

O que seria o teatro senão uma brincadeira de criar? Inventar histórias, mudar a voz para interpretar os personagens, se transformar em um outro ser com a ajuda da maquiagem e do figurino. E ainda explorar o espaço por meio do texto e do cenário e não perder o principal objetivo que é aprender. “O teatro, por exemplo, é meio pedagógico que canaliza a imaginação infantil, oferecendo possibilidades de expressão corporal e linguística” (ROJAS, 2007, p.61).

Fazer teatro é brincar, e o teatro começa em casa, quando na brincadeira de casinha, a criança escolhe interpretar o papel da mãe, ou na hora do recreio junto com a turma, o aluno assume o papel do professor, quando as crianças da vizinhança se reúnem e resolvem encenar o espetáculo que acabaram de assistir no circo. Uma brincadeira que na sala de aula mediada por um professor pode iniciar do imaginário, como um rio falante, e partir para a realidade do cotidiano como a poluição e seus causadores.

A brincadeira passa a representar a possibilidade de solução do impasse causado, de um lado, pela necessidade de ação da criança e, de outro, por sua impossibilidade de executar as operações exigidas por essas ações. Assim, mediante o brinquedo, a criança se projeta nas atividades dos adultos, procurando ser coerente com os papéis assumidos, e encontra condições de desenvolver suas capacidades e habilidades, ampliando o conhecimento de mundo e das pessoas que a rodeiam (ROJAS, 2007, p.30).

O brincar de fazer teatro possibilita essa projeção e permite a socialização entre as crianças e o mundo que está a sua volta, faz com que a criança perca a timidez e esqueça naquele momento os seus medos. A possibilidade de interpretar o outro implica no pensar pelo outro, entender as alterações que eu e o outro fizemos no espaço. Está aí o grande sentido de utilizar o teatro como recurso pedagógico para aprendizagem em Geografia, o que seria a leitura do espaço senão compreensão das alterações que eu e os outros causamos nele? O professor deve evidenciar as contradições ao trabalhar conceito de espaço com as crianças.

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências — tanto para si como para a sociedade (BRASIL, 1997, p.76).

A escola é reflexo desta sociedade, é o local onde o aluno aprenderá a conviver com as diferenças. Dentro desse espaço participará de subgrupos divididos por gostos e pensamentos semelhantes, é o local onde precisa ser trabalhado o respeito às crenças, opção sexual, classe

social. Reforçando o homem como ser individual e coletivo, esclarecendo aos alunos que toda atitude terá uma reação, seja ela boa ou ruim.

O teatro auxilia nesta aprendizagem, a improvisação, os quebra-gelos, as dinâmicas, as expressões e principalmente o se decompor para construir um novo ser, com novos ideais, pensamentos e personalidades. O teatro é o exemplo de como se conhecer melhor e como respeitar o próximo. “Na unidade espaço entra em cena o ambiente da sala de aula, da escola, bem como o espaço interior das pessoas (as emoções e sentimentos)” (BORGES, 1993, p.34).

Brincar de abrir a caixinha de sentimentos escondidos, ter a coragem de falar o que entendeu e o que não entendeu em determinado momento da aula, dramatizar as aprendizagens, utilizar a sala de aula como palco e fazer com que a dramatização seja questionadora e investigadora, uma brincadeira de descobertas, infinitas possibilidades dentro de cada personagem assumido pelas crianças, e nessa brincadeira a criança e suas falas são elementos essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem. Cada aluno com suas habilidades, por meio do teatro, transforma-se no conteúdo, pois agora não é somente o professor que fala e transmite conhecimento, mas o aluno sente-se envolvido para explicar, questionar e investigar.

A criação de textos e improvisações podem colaborar para a construção do conhecimento. “Se todo dia é tudo sempre igual, projeta-se o vazio. O ritmo diferenciado de cada um é que constitui o grupo, o diferente. O espaço de vivência precisa ter sentido e buscar identidades novas” (ROJAS, 2007, p.43). Com diferentes olhares sobre o mesmo espaço geográfico, o teatro ajuda o aluno a ler o mundo, entender a rotina e aprender a conviver com as diferenças encontradas no mundo escolar e fora dele.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este trabalho apresentou uma abordagem de estudo qualitativa. Teve o objetivo de pesquisar as leituras que as crianças fazem do espaço geográfico por meio do teatro. Para isso foram realizadas peças de teatro, exercícios de improviso, saídas a campo com os alunos em sala. Foram apresentadas fotografias do espaço que estava sendo estudado e foi finalizado com uma saída a campo para a observação do córrego Montalvão.

Essa pesquisa apresenta algumas características que se aproximam do estudo de caso “Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa” (ANDRÉ; LUDKE, 1986, p.18). Levando em conta a estrutura da escola rural, foi realizada uma saída a campo com os

alunos, para a observação e exploração do espaço estudado. A técnica de observação foi utilizada nessa pesquisa, pois procura “investigar um determinado problema, o pesquisador depara ainda com uma série de decisões quanto ao seu grau de participação no trabalho, quanto à explicitação do seu papel e dos propósitos as pesquisa junto aos sujeitos e quanto à forma da sua inserção na realidade (ANDRÉ; LUDKE, 1986, p.27).

Essa pesquisa foi realizada na Escola Integral Laurindo Stragliotto, que fica localizada na Zona Rural, município de Maracaju-MS, com os professores e alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

O trabalho foi dividido em quatro etapas. Sendo a primeira, em uma entrevista informal com a direção da escola e com os professores, saber a quantidade de alunos que frequentam a sala, se teria algum aluno portador de necessidades especiais, qual a maneira que os professores tem abordado o conteúdo de Geografia, se existiria a possibilidade de explorar o espaço externo da escola, junto com os alunos. Na segunda etapa, foi realizado o primeiro contato com os alunos, com uma roda de conversa, para a apresentação de cada aluno e da pesquisadora. Após iniciou-se a discussão sobre o espaço escolar. No decorrer da conversa, a pesquisadora começou a se caracterizar na frente dos alunos e contou em forma de teatro, a história de um Girino que estava muito triste com a situação do seu lar, o córrego Montalvão. Ressaltando as necessidades básicas para o bem estar em um ambiente.

Foram mostradas fotos do córrego “Na escola, assim, fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos também podem ser utilizados como fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem” (BRASIL, 1997, p.78). Algumas partes poluídas em baixo das pontes da cidade, queimadas nas margens, em uma área chamada pela população de “passo” que fica a alguns quilômetros da escola, onde é costumeiro encontrar crianças e jovens tomando banho nos dias quentes. Local conhecido dos alunos, por passarem de ônibus todos os dias sobre a ponte do “passo”.

Na terceira etapa, os alunos foram convidados a construir uma peça de teatro improvisada com tema córrego o Montalvão, a partir dos objetos que eram escolhidos por eles em uma caixa que foi nominada caixa da imaginação. A pesquisadora inicia a história colocando dois panos azuis no chão e um sapo sobre ele, frisando que o tema era córrego Montalvão, quem poderá te defender? “Minha intenção não é ensinar como fazer, é estimulá-los a descobrir como fazer juntos” (SILVA, 2000, p.153). Os alunos participaram da atividade como atores e plateia. Os alunos que não participaram das cenas de improviso, tiveram a oportunidade de formar grupos e com os objetos escolhidos na caixa da imaginação,

criaram pequenas peças falando sobre o meio ambiente e o cuidados que devemos ter. Também descreveram a poluição do córrego e como isso pode afetar os animais.

No quarto momento os alunos foram convidados a participar de uma saída a campo. A observação foi concretizada nos fundos da escola. O espaço tinha evidências de ações humanas e sempre que os alunos percebiam essas alterações, comunicavam uns aos outros em diálogos informais.

4 LEITURAS REALIZADAS SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO

Ao se trabalhar geografia por meio do teatro, procuramos compreender a leitura de espaço geográfico por meio das falas, expressões e criações de cada aluno no teatro e fora dele. “Eu ficava hipnotizada com a magia do palco. Adorava estar do lado de cá, mas também queria estar do lado de lá” (SILVA, 2000, p. 120). O espectador fala com suas reações, e o ator fala com suas expressões faciais, vocais e corporais, ambos são importantes para o teatro, ambos são o teatro.

No momento que houve a primeira apresentação ficou evidente o desejo de alguns alunos de participarem da peça. Eles saíram dos seus lugares e foram “atuar” junto com o personagem, investigar o cenário, criar novas possibilidades para a história. O aluno A no decorrer da peça pegou uma sacola de plástico que estava jogada no chão representando a sujeira do córrego e disse para o Girino “você vai rasgar minha sacolinha? Eu vou fazer uma pipa com isso. Depois eu a quero de volta!”. Como podemos observar, o aluno demonstrou revolta ao ver o Girino rasgando as sacolas, porque para ele o lixo que havia sido jogado pela população e que estava destruindo o córrego e a vida dos animais, poderia ser utilizado para o seu lazer. “Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades” (CALLAI, 2005, p. 228-229).

O aluno B ao ver o Girino sendo sufocado pelo lixo, prontamente tentava ajudar gritando “Vai morrer, vai morrer!” correndo e apontando o dedo para o personagem, mostrava desespero por não conseguir ajudar. Neste momento a turma começou a ficar agitada, alguns alunos riam, outros observavam atentos o que iria acontecer, e os gritos começaram a surgir “Como fazer-se apenas no silêncio? Como concentrar-se na aula, com a vida correndo lá fora?” (SILVA, 2000, p. 154). Os gritos demonstravam interação com a história, o medo ou o desejo. Mas estavam gritando pela vida ou gritando pela morte do personagem? A reação é fundamental para o desenvolvimento da arte teatral. “A vida não é inimiga da escola. Ao

contrário, é com a vida que entramos nela, com a arte, com a beleza. [...] Mas, a vida é indômita, não se cala, ela irrompe sala adentro, derruba paredes e nos convida a viajar por outros mundos pessoais de gozo e prazer” (SILVA, 2000, p.154). Quando o Girino consegue se libertar do lixo ele pergunta para as crianças quem é o culpado pela sujeira? O aluno A gritou: “Eu!”, Ligeiramente a fala se destaca entre as outras respostas, enquanto os demais alunos riam, o aluno A continuou, “a senhora também é responsável pela poluição!” apontando para o Girino, mas o que ele estava indicando é que ele e a pesquisadora que vestia a máscara do personagem também eram os causadores da poluição no espaço representado.

O personagem Girino apresentou para os alunos, fotos que mostravam partes do córrego. Nesse momento era possível ver as agressões da sociedade na natureza, pois havia muito lixo no local e o descuido com as margens do córrego havia causado erosões. As crianças reagiram com desprezo e indiferença diante das imagens na parte inferior das pontes, mesmo havendo muito lixo. Quando foram mostradas as fotos de partes poluídas do “Passo”, local que os alunos costumavam tomar banho, houve comentários como “Não é Passo ai não, não tem nada a ver com o Passo!” (ALUNO C). Como destaca Callai (2005, p. 245) “podemos encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo, de nos reconhecermos como cidadãos e de sermos agentes atuantes na construção do espaço em que vivemos”. O comentário surgiu porque aquele era o espaço geográfico deles, havia sentimento naquele lugar, havia história, a história deles.

Como o córrego poluído poderia ser o mesmo no qual eles passavam as tardes de verão se divertindo? Aquele ambiente era o palco das maiores diversões e experiências que uma criança poderia ter. O mesmo córrego tinha um roteiro de comédia e de drama. Pode-se perceber que a afirmação do aluno C demonstra certa rejeição, pela leitura que ele fez das imagens. Seriam elas mesmos as responsáveis com os descuidos? Callai (2005, p.234) descreve que se os alunos vivem essa situação ou vivem em locais que apresentam esse tipo de problema, é a partir de tais problemas que pode ser realizada a leitura, a representação, e que precisa ser instigada a curiosidade para avançar na investigação e compreender o que ocorre.

No momento posterior, os alunos criaram sua própria peça de teatro, com a caixa da imaginação. Dentro da mesma havia vários objetos, como: peruca, fantasias, flauta, violão, fantoche, tecidos, claves de malabarismo, brinquedos e outros. A partir daí, cada aluno era chamado a frente, e iniciava uma história, na qual o próximo chamado a continuava. Os objetos eram utilizados para facilitar a criação da história, a interpretação e o imaginário das crianças.

O roteiro teatral que eles criaram estava direcionado em mantê-lo poluído como nas fotos. Até o momento estavam condicionados a relacionar o córrego com depósito de lixo assim podemos ver na fala da criança D “E fiquei com raiva e joguei no córrego!”, ela realizou a leitura de que os córregos são depósitos de lixo.

O aluno A foi chamado para continuar a história. Ele pensou por alguns segundos e sinalizou que estava pronto para começar a encenação, caminhou até o córrego, ali representado por panos azuis espalhados no centro da sala, e disse: “E veio o catador de lixo e levou tudo de volta” juntando todos os objetos jogados no córrego. “Todos nós [...] usamos expressões como “a ideia veio num estalo” [...] ou “ocorreu-me de repente”. São todas descrições de uma experiência comum: O afloramento de ideias novas vindas das profundezas do nosso íntimo [...]” (MAY, 1982, p.44). Naquele instante houve o afloramento de ideias e o aluno A, encontrou a solução para a poluição, levando os objetos de volta para a caixa da imaginação, entendendo que poderiam ser reutilizados para novas histórias.

May (1982, p.20) diz que “[...] a arte criativa nos permite alcançar além da morte. Por isso a criatividade é tão importante, por isso temos de enfrentar o problema do relacionamento entre ela e a morte”. O córrego estava morrendo com a poluição e o aluno A, conseguiu enxergar uma maneira de defender o córrego, uma nova leitura daquele espaço, diferente dos demais alunos, ele criou uma possibilidade para aquela história ter outro final.

Para a finalização, os alunos foram convidados para uma saída a campo. A observação foi realizada nos fundos da escola. O espaço tinha marcas de ações humanas como, uma horta, a terra arada por tratores, os trilhos do trem, as pedras utilizadas para a construção dos trilhos. Sempre que eles percebiam essas alterações, comunicavam uns aos outros. Os alunos A, C, D observaram que o córrego fica próximo a escola e apenas a alguns quilômetros da cidade, e não se encontram sinais de poluição, mesmo sendo possível perceber a presença e manifestações do ser humano nas proximidades dele. Foram citados possíveis animais que poderiam encontrar naquele local. Ao chegarem na parte superior da ponte puderam avistar o córrego Montalvão, parte da escola e da horta. Os alunos foram questionados sobre qual as evidências de que o ser humano já teria passado por ali. O aluno B disse que “As pedras que estão aqui e os trilhos do trem”. O aluno B percebeu que além dos trilhos, as pedras também eram reflexo de ações humanas. A leitura de espaço geográfico que ele fez demonstrou que todas tinham formato quadricular, ou seja, possivelmente teriam sofrido alguma alteração para ficarem iguais e próximas aos trilhos. O aluno C complementou “Professora daqui também dá pra ver a escola e a nossa horta”, após a leitura, feita pelos alunos, de que o homem já teria passado por ali, foram lembrados sobre a situação de poluição que se

encontra o córrego Montalvão no trajeto pela cidade, e iniciaram-se questionamentos, do porque o córrego naquela área não estaria poluído também? Os alunos A e C justificaram que, aquela determinada área do córrego não estava suja porque não era de costume muitas pessoas passarem por ali. “Um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza” (CALLAI, 2005, p.234).

CONSIDERAÇÕES

Por meio das peças teatrais, os alunos entenderam que o ser humano pode alterar o espaço geográfico e que as suas ações são responsáveis muitas vezes por poluir ou preservar o mesmo. Interpretaram pássaros, sapos, homens e mulheres, utilizaram a imaginação para criar soluções para se ter um córrego limpo. Nas dramatizações expressaram o que filtraram das imagens e da peça que assistiram. Puderam representar as contradições encontradas no espaço geográfico. Ao identificarem o “passo” e o relacionarem como espaço de lazer, local que conheciam e se divertiam sempre que possível. Identificaram também os causadores da poluição, refletiram sobre suas próprias ações naquele espaço, conseguiram perceber que possivelmente algumas das marcas de poluição, poderiam ter sido causadas por eles mesmos. Callai (2005) aponta que, podemos ser agentes atuantes nas alterações do espaço geográfico.

Os alunos fizeram a leitura de que as necessidades do homem não são justificativas suficientes para determinadas atitudes. Perceberam algumas agressões causadas pela população no córrego Montalvão, e demonstraram reações divergentes ao interpretarem que poderiam também fazer parte dos agressores. O mesmo espaço que era utilizado para a diversão e lazer dos maracajuenses, era destruído pelos descuidos da própria população. Que as ações humanas traziam contribuições necessárias para a sociedade, como a construção de pontes, o prédio da escola, a terra arada para futuramente ser uma horta. Também se identificaram como cidadãos responsáveis pela preservação do córrego.

A sala de aula transformou-se em um palco e eles escolhiam os figurinos ali na hora, em toda a sua vitalidade infantil. Nas representações das crianças, o roteiro não seguia muito diferente da realidade do córrego, servindo como depósito de lixo, refletindo a ausência de cidadania e preservação. Mas aquela história precisava ser alterada novamente. O homem tinha sido o causador da poluição, porque não assumir o papel de salvador do córrego? No teatro isso pode ser visualizado na interpretação de um gari, que foi representado sem objeto

nenhum em mãos, a não ser o próprio desejo que carregava de limpar o córrego e dar um final feliz para aquela história.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BORGES, Mariana. Como formar crianças alegres e sabidas na base da fantasia. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº67, p.32-38, junho de 1993.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais. **História, Geografia, primeiro e segundo ciclo**. Brasília: Ministério da educação e do desporto. Secretária da educação fundamental, 1997, p.166.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais. **Arte: ensino de primeira à quarta série**. Brasília: Ministério da educação e do desporto. Secretária da educação fundamental, 1997, 130p.

CALLAI, Helena Coppetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Campinas, maio/ago 2005, vol. 25, n. 66, p. 227-247. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso: 29 maio 2012.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, HelenaCoppetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999Paulo: Papirus, 1987.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro Brasileiro**.5.ed. São Paulo: Global, 2001.

SILVA, Daisy Maria Barella. **Uma vida na escola em linguagem teatral**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MAY, Rollo. **A Coragem de criar**. Traduzido por Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Tradução de: The couragetocrescete. Biografia.

ROJAS, Jucimara. **Jogos, brinquedos e brincadeiras: a linguagem lúdica formativa na cultura da criança**. Campo Grande: UFMS, 20

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. : Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.